

COMO É A DESENCARNAÇÃO

1. Fábio - um livre pensador

LIVRO

Obreiros da Vida Eterna – André Luiz – cap. 16

LOCAL

Residência de Fábio, na crosta terrestre.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Jerônimo, que se encontrava em missão de instruir André Luiz.

PESSOA OBSERVADA

Fábio, que se encontrava nas últimas horas do corpo material.

TIPOS DE ATENDIMENTO

Auxiliar no processo desencarnatório de Fábio.

NA RESIDÊNCIA DE FÁBIO

Acercamo-nos do bairro pobre em que Fábio situara o ninho doméstico. A casinha singela encantava. Rodeada de folhagens e flores, via-se que todo o espaço merecera a ternura dos moradores.

De longe, chegava o barulho da enorme cidade. Espíritos vadios passavam de largo, em lamentável promiscuidade. Nas adjacências erguiam-se alguns bangalôs novos, que lhes ofereciam livre acesso, fazendo-nos adivinhar a triste influência de que eram objeto. Naquela residência pequena e humilde, havia, no entanto, paz e silêncio, harmonia e bem-estar. À nossa apreciação, parecia delicioso oásis em meio de vasto deserto.

Entramos.

Três amigos espirituais receberam-nos. Um deles, Aristeu Fraga, conhecido pessoal de Jerônimo, abraçou-nos, festivo, e anunciou que faziam visita ao enfermo, então nas últimas horas do corpo material. Agradeceu-nos o interesse pelo desencarnante e apresentou-nos o irmão Silveira, genitor de Fábio na Terra, que desejava colaborar conosco, em favor do filho querido.

A EXISTÊNCIA DE FÁBIO

Fábio arregimentara todas as medidas relacionadas com a próxima libertação, submetendo-se, dócil, aos desígnios superiores. Tivera existência modesta; limitara o vôo das ambições mais nobres, no culto da espiritualidade redentora; esforçara-se suficientemente pela tranquilidade familiar; fora acicatado por dificuldades sem conta, no transcurso da experiência que terminava; deixava a esposa e dois filhinhos amparados na fé viva, e, embora não lhes legasse facilidades econômicas, afastava-se do corpo físico, jubiloso e confortado, com a glória de haver aproveitado todos os recursos que a esfera superior lhe havia concedido. Além de haver-se afeiçoado profundamente ao Evangelho do Cristo, vivendo-lhe os princípios renovadores, com todas as possibilidades ao seu alcance, Fábio conseguira iluminar a mente da companheira e construir bases sólidas no espírito dos filhinhos, orientando-os para o futuro.

TINHA CHEGADO A HORA?

Elogiava-se de tal forma o companheiro, que, admitido à palestra, arrisquei uma pergunta:

- Fábio desencarnará na ocasião prevista?

- Sim - elucidou Jerônimo com gentileza -, estamos de posse das instruções. Nosso amigo desencarnará no tempo devido.

- É verdade - confirmou o pai emocionado -, ele aproveitou todos os recursos que se lhe conferiram, malgrado o corpo franzino e doente, desde a infância.

CAUSA DA FRAGILIDADE FÍSICA DE FÁBIO

Traíndo a condição de médico sempre interessado em estudar, considere:

- É lamentável tenha renascido em semelhante organismo quem sabe servir com tanto valor à causa do bem...

O Genitor sentiu-se na necessidade de esclarecer o assunto, porque prosseguiu, calmo:

- Este é, de fato, argumento humano dos mais ponderáveis. Quando na carne, freqüentes vezes surpreendi-me com a saúde frágil de Fábio, em criança. Desde cedo, notei-lhe a virtude inata, o pendor para a retidão e para a justiça, as disposições congênitas para os trabalhos da fé viva. Passei longas noites na justa preocupação de pai, em vista do porvir incerto. Como poderia nascer alma tão sensível e formosa, como a dele, em vaso tão imperfeito? Aos doze anos, foi atacado de pneumonia dupla, que quase o arrebatou de nosso convívio. Clínico amigo chamou-me a atenção para a debilidade do rapazinho. Éramos, no entanto, demasiadamente pobres para tentar tratamentos caros em estâncias de repouso. Antes dos catorze anos, terminado o curso das letras primárias, conduzi-o ao serviço pela exigência imperiosa do ganha-pão. Sabia, como pai, que Fábio desejava continuar estudando, para o aprimoramento das faculdades intelectuais, em face dos seus pendores para o desenho e para a literatura, porque, não poucas vezes, surpreendi-o namorando o educandário vizinho de nossa casa, ralado de inveja ao reparar os colegiais em bandos festivos. As nossas condições de vida, no entanto, nos reclamavam esforço ingente; e meu filho, atirado à luta, desde muito cedo, não encontrou ensejo para as construções artísticas que idealizava. Segregando-se na oficina de mecânica, em ambiente pesado demais para a sua constituição física, ele não o tolerou por muito tempo, contraindo com facilidade a tuberculose pulmonar.

- Mas chegou a saber a causa determinante da posição física de Fábio, ao regressar ao plano espiritual? – indaguei.

- Isso representou um dos primeiros problemas que procurei elucidar. Passado algum tempo, fui devidamente esclarecido. Meu filho e eu fomos destacados fazendeiros na antiga nobreza rural fluminense. Nessa época, não muito recuada, Fábio, noutro nome e noutra forma, era igualmente meu filho. Eduquei-o com desvelado carinho e, por mais de uma vez, enviei-o à Europa, ansioso por elevar-lhe o padrão intelectual e cioso de nossa superioridade financeira. Ambos, porém, cometemos graves erros, mormente no trato direto com os descendentes de africanos escravos. Meu filho era sensível e generoso, mas excessivamente austero para com os servidores das tarefas mais duras. Congregava-os na senzala, com severidade rigorosa, e perdemos grande número de cooperadores em virtude do ar viciado pela construção deficiente que Fábio conservou inalterável, simplesmente para manter ponto de vista pessoal.

PRESTANDO ASSISTÊNCIA AO ENFERMO

- Prestemos ao enfermo a assistência possível. Nesta noite, afastá-lo-emos definitivamente do corpo carnal.

Levantamo-nos e penetramos o quarto.

Fábio, fundamente abatido, respirava a custo, acusando indefinível mal-estar. Junto dele, a esposa velava, atenta.

Através da janela aberta, o doente reparou que a cidade acendia as luzes. Ergueu os tristes olhos para a companheira e observou:

- Interessante verificar como a aflição se agrava à noite...

- É fenômeno passageiro, Fábio – afirmou a esposa, tentando sorrir.

Entre nós, todavia, iniciaram-se providências para socorro imediato. O pai do enfermo dirigiu-se a Jerônimo:

- Sei que a libertação de Fábio exige grande esforço. Entretanto, desejava auxiliá-lo no derradeiro culto doméstico em que tomará parte fisicamente ao lado da família. Regra geral, as últimas conversações

dos moribundos são gravadas com mais carinho pela memória dos que ficam. Em razão disso, ser-me-ia sumamente agradável ajudá-lo a endereçar algumas palavras de aviso e estímulo à companheira.

- Com muita satisfação – enriqueceu o Assistente – colaboraremos também na execução desse propósito. É mais conveniente que a família esteja a sós.

- Bem lembrado! – disse o genitor, agradecido.

Reparei que Jerônimo e Aristeu passaram a aplicar passes longitudinais no enfermo, observando que deixavam as substâncias nocivas à flor da epiderme, abstendo-se de maior esforço para alijá-las de vez. Finda a operação, indaguei dos motivos que os levavam a semelhante medida.

- Está muito enfraquecido, agonizando quase – informou o meu dirigente – e fazemos o possível por beneficiá-lo, sem lhe aumentar o cansaço. As substâncias retidas nas paredes da pele serão absorvidas pela água magnetizada do banho, a ser usado em breves minutos.

Efetivamente, atendendo à influência dos amigos espirituais, que lhe davam intuições indiretamente, Fábio dirigiu-se à esposa, expressando o desejo de leve banho morno, no que foi atendido em reduzidos instantes.

Jerônimo e Aristeu ministraram à água pura certos agentes de absorção e ampararam a dedicada senhora, que, por sua vez, auxiliou o marido a banhar-se, como se estivesse satisfazendo o desejo de uma criança.

Notei, admirado, que a operação se fizera acompanhar de salutaríssimos efeitos, surpreendendo-me, mais uma vez, ante a capacidade absorvente da água comum. A matéria fluídica prejudicial fora integralmente retirada das glândulas sudoríparas.

Terminado o banho, o enfermo voltou ao leito, em pijama, de fisionomia confortada e espírito bem disposto. Algumas fricções de álcool, levadas a efeito completaram-lhe a melhora fictícia.

PRECE EM FAMÍLIA

O relógio marcava alguns minutos além das dezenove horas.

Silveira, que se havia ausentado, voltou depressa, falando particularmente a Jerônimo, a quem informou:

- Tudo pronto. Conseguiremos a reunião exclusiva da família.

O Assistente mostrou satisfação e salientou a necessidade de acelerar o ritmo do trabalho. O bondoso pai desencarnado movimentou-se. A tecla mais sensível à nossa atuação foi quando Fábio se dirigiu à esposa, ponderando:

- Creio não devermos adiar o serviço da prece. Sinto-me inexplicavelmente melhor e desejaria aproveitar a pausa do repouso.

Dona Mercedes, a abnegada senhora, trouxe ambas as crianças, que se sentaram na posição respeitosa de ouvintes. E enquanto a esposa se acomodava ao lado dos pequenos, o enfermo, auxiliado pelo pai, abriu o Novo Testamento, na primeira epístola de Paulo de Tarso aos Coríntios e leu o versículo quarenta e quatro do capítulo quinze:

- “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Há corpo animal, e há corpo espiritual”.

Fez-se curto silêncio, que o doente interrompeu, iniciando a prece, comovido:

- Rogo a Deus, nosso Eterno Pai, me inspire na noite de hoje, para conversarmos intimamente e espero que a Divina Providência, por intermédio de seus abençoados mensageiros, me ajude a enunciar o que desejo, com a facilidade necessária. Enquanto possuímos plena saúde física, enquanto os dias e as noites correm serenos, supomos que o corpo seja propriedade nossa. Acreditamos que tudo gira na órbita de nossos impulsos, mas... ao chegar a enfermidade, verificamos que a saúde é tesouro que Deus nos empresta, confiante.

Sorriu, calmo e conformado. Até ali, via-se bem que era Fábio o expositor exclusivo das palavras. Expressava-se em voz corrente, mas sem calor entusiástico, dada a sua situação de extrema fraqueza.

ATUAÇÃO MAGNÉTICA PATERNA

Findo intervalo mais longo, o genitor descansou a destra em sua frente, mantendo-se na atitude de quem ora com profunda devoção. Reparei, surpreso, que luminosa corrente se estabelecera no organismo débil, desde a massa encefálica até o coração, inflamando as células nervosas, então semelhante a minúsculos pontos de luz condensada e radiante. Os olhos de Fábio, pouco a pouco, adquiriram mais brilho e a sua voz fez-se ouvir, de novo, com diferente inflexão.

DIÁLOGO EM FAMÍLIA - DESPEDIDA

Dirigindo à esposa e aos filhinhos o olhar terno, agora otimista e percuciente, passou a dizer, inspirado:

- Estou satisfeito pela oportunidade de trocarmos idéias a sós, dentro da fé que nos identifica. É significativa a ausência dos velhos amigos que nos acompanham as orações familiares, desde muitos anos. Não é sem razão. Precisamos comentar nossas necessidades, cheios de bom ânimo, dentro da noção da próxima despedida. A palavra do apóstolo dos gentios é simbólica na situação presente. Assim como há corpos animais, há também corpos espirituais. E não ignoramos que meu corpo animal, em breve tempo, será restituído à terra acolhedora, mãe comum das formas percíveis, em que nos movimentamos na face do mundo. Algo me diz ao coração que esta será talvez a última noite em que me reunirei com vocês, neste corpo... Nos momentos em que o sono me abençoa, sinto-me nas vésperas da grande liberdade... Vejo que amigos iluminados me preparam o coração e estou certo de que partirei na primeira oportunidade. Acredito que todas as providências já foram levadas a efeito, em benefício de nossa tranqüilidade, nestes minutos de separação. Em verdade, não lhes deixo dinheiro, mas conforta-me a certeza de que construímos o lar espiritual de nossa união sublime, ponto indelével de referência à felicidade imorredoura...

Fitou particularmente a esposa, tomado de maior emoção, e prosseguiu:

- Você, Mercedes, não tema os obstáculos da sombra. O trabalho digno ser-nos-á fonte bendita de realização. Creia que a saudade edificante estará sempre em meu espírito, seja onde for, saudade de sua convivência, de sua afetuosa dedicação. Isto, porém, não constituirá algema pesada, porque nós dois aprendemos na escola da simplicidade e do equilíbrio que o amor legítimo e purificado não prescinde da compreensão santificante. Decerto, necessitarei de muita paz, a fim de readaptar-me à vida diferente e, por isso, pretendo deixá-los com tranqüilidade suficiente para que todos nos ajustemos aos desígnios de Deus. Conheço-lhe a nobreza heróica de mulher afeiçoada ao trabalho, desde muito cedo, e entendo a pureza de seus ideais de esposa e mãe. Entretanto, Mercedes, releve-me a franqueza neste instante expressivo da experiência atual: sei que minha ausência se fará seguir de problemas talvez angustiosos para o seu espírito sensível. A solidão torna-se aflitiva, para a mulher jovem, sem a vizinhança dos carinhosos laços de pais e irmãos consangüíneos, que já não possuímos neste mundo, quando não é possível conservar a mesma vibração de fé, através das diversas circunstâncias do caminho... Não posso exigir de você fidelidade absoluta aos elos materiais que nos unem, porque seria exercer cruel opressão a pretexto de amor. Além disso, nada quebrará nossa aliança espiritual, definitiva e eterna.

Observei que Fábio arquejava, fortemente emocionado.

Transcorridos alguns segundos de breve pausa, continuou, irradiando seus olhos verdadeira afeição e sinceridade fiel:

- Por isso, Mercedes, embora tenhamos providenciado sua posição futura no trabalho honesto, quero dizer a você que ficarei muito satisfeito se Jesus enviar-lhe um companheiro digno e leal irmão. Se isso acontecer, querida, não recuse. Felizmente, para nós, cultivamos a ligação imperecível da alma, sem que o monstro do cume desvairado nos guarde o castelo afetivo... Não sabemos quantos anos lhe restam de peregrinação por este mundo. É provável que a Vontade Divina prolongue por mais tempo a sua permanência na Terra, e, se me for possível, cooperarei para que não fique sozinha. Nossos filhos, ainda frágeis, necessitam de amparo amigo na orientação da vida prática...

Dona Mercedes, enxugando os olhos lacrimosos, esboçou gesto de quem ia protestar, todavia, adiantou-se-lhe o doente, acrescentando:

- Já sei o que dirá. Nunca duvidei de sua virtude incorruptível, de seu desvelado amor. Nem estou a desinteressar-me da abnegada companheira de luta que o Senhor me confiou. Reconheça, porém, que temos vivido em profunda comunhão espiritual e devemos encarar, com sinceridade e lógica, minha partida

próxima. Se você conseguir triunfar de todas as necessidades da vida humana, mantendo-se a cavaleiro das exigências naturais da existência terrestre, certamente Jesus compensará seu esforço com a láurea dos bem-aventurados. Todavia, não procure escalar o cume glorioso da plena vitória espiritual num só vôo. Nossos corações, Mercedes, são como as aves: alguns já conquistaram a prodigiosa força da águia; outros, contudo, guardam, ainda, a fragilidade do beija-flor. Sofreria, de fato, por minha vez, se a visse afrontando a montanha redentora, com falsa energia. Não tenha medo. Criaturas perversas não amedrontam almas prudentes. Concedeu-nos o Senhor bastante luz espiritual para discernir. Você jamais poderá ser vítima de exploradores inconscientes, porque o Evangelho de Jesus está colocado diante de seus olhos para iluminar o caminho escolhido. Portanto, a observação e o juízo, o exercício espiritual e a inspiração de ordem superior, permanecerão a serviço de suas decisões sentimentais. E creia que farei tudo, em espírito, por auxiliá-la nesse sentido.

Sorriu, com esforço, enquanto a esposa chorava, discreta. Após longo interregno, frisou:

- Se eu puder, trarei estrelas do firmamento para enfeite de suas esperanças. Você estará sempre mais viva em meu coração; amarei também a todos aqueles que forem assinalados por sua estima enobrecedora.

Em seguida, após fitar demoradamente os filhinhos, aduziu:

- A palavra apostólica no Evangelho conforta-nos e esclarece-nos, como se faz indispensável. Em breve tempo, reunir-me-ei aos nossos na Vida Maior. Perderei meu corpo animal, mas conquistarei a ressurreição no corpo espiritual, a fim de esperá-los, alegremente.

Verifica-se que o enfermo despendera muito esforço. Fatigara-se.

O genitor retirou a destra da frente de Fábio, desaparecendo a corrente fluídico-luminosa que o ajudara a pronunciar aquela impressionante alocação de amor acrisolado.

Demonstrando sublime serenidade nos olhos brilhantes, recostou-se nos volumosos travesseiros, algo abatido.

Dona Mercedes compôs a fisionomia, afastando os vestígios das lágrimas, e falou para o filho mais velho:

- Você, Carlindo, fará a prece final.

Fábio mostrou satisfação no semblante, enquanto o rapazinho se erguia, obediente à recomendação ouvida. Com naturalidade, recitou curta oração que aprendera dos lábios maternos:

- Poderoso Pai dos Céus, abençoa-nos, concedendo-nos a força precisa para a execução de tua lei, trazida ao mundo com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Faze-nos melhores no dia de hoje para que possamos encontrar-te amanhã. Se permites, ó meu Deus! Nós te pedimos a saúde do papai, de acordo com a tua soberana vontade. Assim seja!...

Terminada a rogativa e quando os pequenos beijavam sua mamãe, antes do sono tranqüilo, o enfermo pediu à esposa, com humildade:

- Mercedes, se você concorda, sentir-me-ia feliz por beijar, hoje, os meninos...

A senhora aquiesceu, comovida.

- Traga-me um lenço novo – solicitou o esposo, enternecido.

A dona da casa, em poucos instantes, apresentava-lhe alvo fragmento de linho. Emocionado, vi que o pai cristão aplicou o nevado pano à cabeleira das crianças e beijou o linho, ao invés de oscular-lhes os cabelos. Contudo, havia tanta alma, tanto fervor afetivo naquele gesto, que reparei o jato de luz que lhe saía da boca, atingindo a mente dos pequeninos. O beijo saturava-se de magnetismo santificante. Jerônimo, comovido de maneira especial, dirigiu-se a mim, em voz sussurrante:

- Outros verão micróbios; nós vemos amor...

Logo após, a pequena família recolheu-se. O enfermo sentia-se singularmente melhorado, bem disposto.

Em nosso grupo havia geral contentamento.

As crianças dormiram sem demora e foram, por Aristeu, conduzidas, fora do corpo físico, a uma paisagem de alegria, de modo a se entreterem, descuidadas...

DESCRIÇÃO DO PROCESSO DESENCARNATÓRIO

A sós com o doente e a esposa, que tentavam conciliar o sono, encetamos o serviço de libertação.

Enquanto Silveira amparava o filho, com incedível carinho, Jerônimo aplicou ao enfermo passes anestésicos. Fábio sentiu-se bafejado por deliciosas sensações de repouso. Em seguida, o Assistente deteve-se em complicada operação magnética sobre os órgãos vitais da respiração e observei a ruptura de importante vaso. O paciente tossiu e, num átimo, o sangue fluiu-lhe à boca aos borbotões.

Dona Mercedes levantou-se, assustada, mas o esposo, falando dificilmente, tranqüilizou-a:

- Pode chamar o médico... entretanto, Mercedes... não se preocupe... é justamente o fim...

Enquanto prosseguia Jerônimo separando o organismo perispiritual do corpo débil, Dona Mercedes pediu o socorro de um vizinho, que saiu, prestativo, em busca do clínico especializado.

O médico não tardou, trazido celeremente por automóvel, mas embalde aplicaram a solução de adrenalina, a sangria no braço, os sinapismos nos pés e as ventosas secas no peito. O sangue, em golfadas rubras, fluía sempre, sempre...

Depois da ação desenvolvida sobre o plexo solar, o coração e o cérebro, desatado o nó vital, Fábio fora completamente afastado do corpo físico. Por fim, brilhava o cordão fluídico-prateado, com formosa luz. Amparado pelo genitor, o recém-liberto descansava, sonolento, sem consciência exata da situação.

Uma hora depois da desencarnação, Jerônimo cortou o apêndice luminoso.

- Está completamente livre – declarou meu orientador, satisfeito.

O pai enternecido depositou sobre a fronte do filho desencarnado, em brando sono, um beijo repassado de amor e entregou-o a Jerônimo, asseverando:

- Não desejo que ele me reconheça de pronto. Não seria aproveitável levá-lo agora a recordações do passado. Encontrá-lo-ei mais tarde, quando tenha de partir da instituição socorrista para as zonas mais altas. Pode conduzi-lo sem perda de tempo. Incumbir-me-ei de velar pelo cadáver, inutilizando os derradeiros resíduos vitais contra o abuso de qualquer entidade inconsciente e perversa.

O Assistente agradeceu, emocionado, e partimos, conduzindo o sagrado depósito que nos fora confiado.

Enquanto prosseguíamos, espaço acima, contemplei, respeitoso, o primeiro anúncio da aurora e, observando Fábio adormecido, tive a impressão de que gloriosos portos do Céu se iluminavam de sol para receber aquele homem, de sublime exemplo cristão, que subia vitorioso, da Terra...

REFLEXÃO

Nada perece e nada morre, a não ser o revestimento, a forma, o invólucro carnal, em que o Espírito, encarcerado, se debate, luta, sofre, aperfeiçoa-se. Morre a forma – essa carcaça – mas rebrilha a alma – esse gnomo de luz; e o que é essa existência do corpo – um sopro – perante a existência da alma – a eternidade?

Alberto Veiga

2. Albina - presbiteriana

LIVRO

Obreiros da Vida Eterna – André Luiz – cap. 17

PACIENTE

Dona Albina, cujo desencarne estava em organização final. Presbiteriana, viúva, desde cedo consagrada ao labor educativo, formada a infância e a juventude no ideal cristão.

LOCAL

Apartamento em moderno arranha-céu de elegante bairro da cidade do Rio de Janeiro.

ESPÍRITOS MAGNETIZADORES

Instrutor Jerônimo, auxiliado por André Luiz.

CAUSA DA MAGNETIZAÇÃO

Recuperar as energias de Dona Albina, que recebeu pequena prorrogação no prazo de vida que estava findando.

A irmã Albina fora autorizada a permanecer na Crosta Planetária por mais tempo, razão por que a desencarnação fora adiada “sine die”. Certa rogativa influíra decisivamente no assunto. Entrara em jogo imperiosa exigência que nossa colônia examinara com a devida consideração. Em vista disso, renovara-se o programa da missão que trazíamos. Ao invés de auxílio para a libertação, a velha educadora receberia forças para se demorar na Crosta. Devíamos procurar-lhe a residência, sem perda de oportunidade, propiciando-lhe ao organismo os possíveis recursos magnéticos ao nosso alcance.

Quis perguntar alguma coisa, inteirar-me das particularidades. Todavia, Jerônimo costumava dizer com proveito tudo o que necessitávamos saber, e não me cabia constrangê-lo a qualquer informação antecipada. Porque se modificara decisão de tamanho relevo? Quem possuía, afinal, tanto poder na oração, para ter influência nas diretivas de nossa colônia espiritual? Seria justo o adiamento? Por que motivo determinada súplica impunha a renovação do roteiro a seguir?

Em caminho, porém, não resisti. Pedi permissão para ouvi-lo, de maneira sumária, quanto à nova deliberação, e Jerônimo aquiesceu, esclarecendo:

- A medida não deve provocar admiração. Ninguém, senão Deus, detém poderes absolutos. Todos nós, no desenvolvimento das tarefas conferidas às nossas responsabilidades, experimentaremos limitações nos atributos ou no acréscimo de deveres, segundo os desígnios superiores. O futuro pode ser calculado em linhas gerais, mas não podemos prejulgar quanto ao setor da interferência divina. O Pai efetua a organização universal com independência ilimitada no campo da Sabedoria Infalível. Nós cooperamos com relativa liberdade na obra do mundo, sujeitos a necessária e esclarecedora interdependência, em virtude da imperfeição da nossa individualidade. Deus sabe, enquanto nós nem sequer imaginamos saber.

E, com expressivo gesto de bom humor, prosseguiu:

- Não existe, portanto, novidade propriamente dita. Aliás, é justo considerar que a desencarnação de Albina não é suscetível de ser adiada por muito tempo. O organismo que a serve está gasto e a nova resolução destina-se apenas a remediar difícil situação, de modo a trazer benefícios para muita gente. A prece, em qualquer ocasião, melhora, corrige, eleva e santifica. Mas somente quando estabelece modificação de roteiro, igual à de hoje, é que paira, acima das circunstâncias comuns, o interesse coletivo. Ainda assim, a medida prevalecerá por reduzido tempo, isto é, apenas enquanto perdurar a causa que a motiva.

Recordei uma experiência anterior, em que observara certo irmão recebendo alguns dias de acréscimo à existência no corpo, para poder solucionar problemas particulares, e compreendi a alteração havida. De qualquer modo, porém, minha surpresa não era desarrazoada, porque constituíamos comissão de trabalho definido, com atividades traçadas por superiores e hierárquicos. No caso a que me reportava, vira amigos de nossa esfera intercedendo junto de outros amigos, em benefício de terceiro. Todavia, na questão em exame, tratava-se de pedido da Crosta, atuando diretamente em nosso núcleo distante.

O Assistente percebeu as indagações que se me entrecrocavam no cérebro e adiantou:

- Não se torture, André. Saberá tudo no momento oportuno.

Conservando, pois, minha curiosidade insatisfeita, acompanhei o Assistente até ao apartamento confortável em que residia a interessada.

ESTADO EM QUE SE ENCONTRAVA A PACIENTE

Os prognósticos acerca do estado físico da enferma eram desanimadores. Seu espírito, no entanto, mantinha-se calmo e confiante, a despeito da profunda perturbação orgânica.

Não só o coração e as artérias apresentavam sintomas graves: também o fígado, os rins, o aparelho gastrointestinal. A dispnéia castigava-a, intensamente.

Chegáramos no instante em que gracioso grupo de jovens, catorze ao todo, fazia em derredor da enferma o culto doméstico do Evangelho. Enquanto oravam, antes dos comentários construtivos, de alma voltada para a sublime fonte de fé da viva, atiramo-nos ao trabalho, seguidos, de perto, por outros amigos de nosso plano, ligados à missão da nobre educadora.

O ambiente equilibrado pela prece e pelos pensamentos de elevação moral contribuíam eficazmente na execução de nossos propósitos.

A zona perigosa do corpo abatido era justamente a que se situava o aneurisma, provável portador da libertação. O tumor provocara a degenerescência do músculo cardíaco e ameaçava ruptura imediata.

DESCRIÇÃO DO TRATAMENTO MAGNÉTICO

Jerônimo, entretanto, revelou-se, mais uma vez, o médico experimentado e competente de nosso plano de ação. Começou aplicando passes de restauração ao sistema de condução do estímulo, demorando-se, atencioso, sobre os nervos do tónus. Em seguida, forneceu certa quantidade de forças ao pericárdio, bem como às estrias tendinosas, assegurando a resistência do órgão. Logo após, meu orientador magnetizou, longamente, a zona em que se localizava o tumor bastante desenvolvido, isolando certos complexos celulares, e esclareceu:

- Poderemos confiar em grande melhora, que persistirá por alguns meses.

EFEITOS DO TRATAMENTO MAGNÉTICO

Com efeito, finda a complexa operação magnética, observei que o coração doente funcionava com diferente equilíbrio. As válvulas cardíacas passaram a denotar regularidade. Cessou a aflição, o que foi atribuído, e de fato, com razões ponderosas, ao efeito da prece.

Albina sentiu-se reconfortada, mais calma. Fitou, comovida, as discípulas que se achavam presentes em afetuosa homenagem a ela, e considerou, satisfeita:

- Como me sinto melhor! Motivos fortes possuía o apóstolo Tiago, recomendando a prece aos enfermos!

As alunas e as filhas riram-se de contentamento e ergueram, em seguida, formosa oração gratulatória, emocionando-nos o coração.

Contrariando a expectativa geral, a enferma aceitou o oferecimento de um caldo confortante.

QUEM PEDIU A PRORROGAÇÃO

Em face da alegria que a todos empolgava, perguntei de súbito ao Assistente:

- Teria sido a súplica das discípulas o móvel da alteração? Quem sabe? Talvez lhes fizesse falta a venerável professora...

- Não, não é bem isto – elucidou o mentor -, a intercessão das meninas trouxe-lhe a cota natural de benefícios comuns; no entanto, acresce notar que Albina já cumpriu tarefa junta delas. Deu-lhes o que pôde, devotou-se quanto devia. Em virtude da abnegação da enferma, as aprendizes trazem o cérebro cheio de boas sementes... Compete agora às interessadas organizar condições favoráveis ao desenvolvimento intensivo dos tesouros espirituais de que são portadoras.

Curioso, arrisquei:

- Estaríamos, porventura, ante o resultado de requisição sentimental das filhas?

Jerônimo fitou ambas as senhoras que assistiam a doente com desvelada ternura, abanou a cabeça com gesto negativo e retrucou:

- Também não. Não se trata de resposta a semelhante rogativa. No desempenho dos sagrados deveres de mãe, Albina fez tudo pelo bem-estar das filhas. Desvelou-se, quanto lhe era possível. Por elas perdeu compridas noites de vigília e encheu laboriosos dias de preocupação absorvente e redentora. Educou-as carinhosamente, encaminhou-as na estrada da santificação e, sobretudo, ao prepará-las para a vida, entregou-as ao Pai Eterno, sem egoísmo destruidor. O trabalho materno foi completamente satisfeito. Doravante, cumpre às filhas seguir-lhe o exemplo, imitando-lhe a conduta cristã. Os bons pensamentos do Loide e Eunice envolvem-na toda em repousante atmosfera de amor. Entretanto, não seriam os rogos filiais, em circunstâncias como esta, que modificariam o roteiro das autoridades superiores no cumprimento das leis divinas. As súplicas de ambas partem de esferas de serviço perfeitamente atendidas pela missionária em processo de liberação e de modo algum as filhas poderiam retê-la.

Nesse instante, sentindo-se a enferma confortada pela inopinada melhora, dirigiu-se à filha mais velha, indagando:

- Loide, acredita você na possibilidade de trazerem o Joãozinho até aqui?

À interrogação enternecida, seguiu-se plena aprovação da filha e o telefone tilintou chamando alguém.

Ao passo que a senhora se entendia com o esposo, a distância, meu orientador anunciou, bem humorado:

- Em breves momentos, receberá você a chave do problema.

Continuamos socorrendo a organização fisiológica da enferma, observando a alegria sincera das discípulas, que se retiravam, contentes. Mãe e filhas voltaram a permanecer a sós conosco, junto de outros amigos espirituais que se dedicavam, no compartimento, à tarefa de auxílio, inclusive a simpática irmã que nos acolhera na visita inicial, falando-nos, aliás, da probabilidade de prorrogação.

Processavam-se com extremado carinho os serviços de assistência, quando cavalheiro bem-posto deu entrada, conduzindo um menino miúdo, de oito anos presumíveis.

Varando a porta do quarto, o pequeno mostrou-se cômico do lugar em que se achava, cumprimentou as senhoras, respeitoso, e voltou-se, de olhos ansiosos, para a enferma, beijando-lhe a destra com indescritível ternura.

Albina rogou a Deus o abençoasse e o menino perguntou:

- Vovó, como vai?

Designando-o, o Assistente esclareceu:

- A súplica dessa criança alcançou-nos a colônia espiritual e modificou-nos o roteiro.

- Quê?... – interroguei, sumamente surpreendido.

Jerônimo, todavia, continuou:

- Não é neto consanguíneo da doente, embora se considere tal. É órfão que lhe abandonaram à porta, após o nascimento, e que Loide mantém no lar, desde que nossa irmã se recolheu à cama. Não obstante a prova, Joãozinho é grande e abnegado servo de Jesus, reencarnado em missão do Evangelho. Tem largos créditos na retaguarda. Ligado à família de Albina, há alguns séculos, torna ao seio de criaturas muito amadas, a caminho do serviço apostólico do porvir.

CAUSA DA PRORROGAÇÃO

Atendendo-me à curiosidade, entrou em explicações finais, advertindo:

- Que nota você de particular em Loide?

Recorrendo a observações que já levava a efeito, respondi sem hesitar:

- Reparo que aguarda alguém; uma filhinha que já entrevimos... Desde o primeiro encontro, verifiquei que está em período ativo de maternidade, em vésperas de delivrança.

- Isto mesmo – confirmou o mentor amigo -, a prece de João é importante porque se reveste de profunda significação para o futuro. A menina, em processo reencarnacionista, é-lhe abençoada companheira de muitos séculos. Ambos possuem admirável passado de serviço à Crosta Planetária e escolheram nova tarefa com plena consciência do dever a cumprir. Foram associados de Albina em várias missões e, muito cedo, ser-lhe-ão continuadores na obra de educação evangélica. Não são Espíritos purificados, redimidos, mas trabalhadores valiosos, com suficiente crédito moral para a obtenção de oportunidades mais altas. Apesar da condição infantil, o servo reencarnado, pelas ricas percepções que o caracterizam fora da esfera física, recebeu conhecimento da morte próxima de nossa venerável irmã. Compreendeu, de antemão, que o fato repercutiria angustiosamente no organismo de Loide, compelindo-a talvez a claudicar no trabalho gestatório, em andamento. A carga de dor moral conduzi-la-ia efetivamente ao aborto, imprimindo profundas transformações no rumo do serviço de que João é feliz portador. Socorreu-se, então, de todos os valores intercessórios, nos instantes em que sua alma lúcida pode operar na ausência de instrumentalidade grosseira que triunfou com as súplicas insistentes, obtendo reduzida dilatação de prazo para a desencarnação de Albina.

Sempre comedido nas informações, Jerônimo calou-se, preparando a retirada.

REFLEXÃO DE ANDRÉ LUIZ

A singular ocorrência enchia-me de encantamento e surpresa. E contemplando, sob forte enlevo, a pequena família em santificado júbilo doméstico, eu chegava à conclusão de que, ainda ali, numa câmara de moléstia grave, a oração, filha do trabalho com amor, vencia vigoroso poder da morte.

3. Cavalcante - católico romano

LIVRO

Obreiros da Vida Eterna – André Luiz – cap. 18

LOCAL

Enfermaria de um hospital na crosta terrestre.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Jerônimo, que se encontrava em missão de instruir André Luiz.

PESSOA OBSERVADA

Cavalcante, que se encontrava nas últimas horas do corpo material.

TIPO DE ATENDIMENTO

Auxiliar no processo desencarnatório de Cavalcante.

ESTADO EM QUE SE ENCONTRAVA O PACIENTE

Agora, tínhamos sob os olhos o caso Cavalcante em processo final.

O pobre amigo permanecia agarrado ao corpo pela vigorosa vontade de prosseguir jungido à carne. A intervenção no apêndice inflamado, ao mesmo tempo que se buscava remediar a situação do duodeno, fizera-se tardia. Estendera-se a supuração ao peritônio e debalde se combatia a rápida e espantosa infecção.

O enfermo perdia forças, e porque não conseguia alimentar-se, como devia, não encontrava recursos para compensar as perdas vultosas.

O intestino inspirava repugnância e compaixão. Qual estranho vaso destinado a fermentação, continha o ceco trilhões de bacilos de variadas espécies. Profundo desequilíbrio afetava as funções dos vasos sanguíneos e linfáticos no intestino delgado. O cólon transverso e o descendente semelhavam-se a pequenos túneis, repletos das mais diversas coletividades microbianas. As vilosidades permaneciam cheias de sangue purulento, e, de quando em quando, abriam-se veias mais frágeis, provocando abundante hemorragia. Em todo o aparelho intestinal, verificava-se o gradual desaparecimento do tônus das fibras. O pâncreas não mais tolerava qualquer trabalho, na desintegração dos alimentos, e o estômago deixava perceber avançada incapacidade. As glândulas gástricas jaziam quase inertes. Distúrbios destrutivos campeavam no fígado, onde animálculos vorazes se valiam da progressiva ausência de controle psíquico, manifestando-se ao léu, como microscópios salteadores em sanha festiva.

O doente, por fim, já não suportava nenhuma alimentação. O estômago expulsava até a própria água simples, deixando-o exausto, em vista do tremendo esforço despendido nos reiterados acessos de vômito.

O sistema nervoso central e o abdominal, bem como os sistemas autônomos, acusavam desarmonia crescente.

Reconhecia, entretanto, ali, naquele agonizante que teimava em viver de qualquer modo no corpo físico, o gigantesco poder da mente, que, em admirável decreto da vontade, estabelecia todo o domínio possível nos órgãos e centros vitais em decadência franca.

Decorridos mais de quatro dias, em que atentávamos para o moribundo, cuidadosamente, Jerônimo deliberou fossem desatados os laços que o retinham à esfera grosseira.

Bonifácio, prestimoso e gentil, coadjuvava-nos o trabalho.

Informando-se da nossa resolução, de modo vago, através dos canais intuitivos, o doente, pela manhãzinha, chamou o capelão, a fim de ouvi-lo, e, após breve confissão, que o sacerdote reduziu ao mínimo de tempo, em virtude das emanações desagradáveis que se desprendiam da organização fisiológica em declínio, o pobre Cavalcante, mal suspeitando a paz que o aguardaria na morte, procurou reter o eclesástico, em contristadora conversação:

- Padre - dizia ele, em voz súplice -, sei que morro, sei que estou no fim...

- Entregue-se a Deus, meu amigo. Só Ele pode saber em definitivo o que surgirá. Quem sabe se ainda tem longos anos à sua frente? tudo pode acontecer...

O capelão falava apressado, abreviando a palestra e tentando dissimular suas penosas impressões olfativas, mas o moribundo continuou, ingênuo:

- Tenho medo, muito medo de morrer...

- Bem - obtemperou o religioso, não ocultando um gesto de enfado que passou despercebido aos olhos do crente -, precisamos preparar o espírito para o que der e vier.

- Ouça, padre!... acredita que me salvarei?

- Sem dúvida. Você foi sempre bom católico...

- Mas... escute! - e a voz do enfermo fez-se triste, mais chorosa e sufocada - eu desejaria morrer noutras condições. Segundo lhe confessei, fui abandonado pela mulher, há muitos anos... Sabe que ela me trocou por outro homem e fugiu para nunca mais... Sempre admiti que experimentei semelhante prova por incapacidade de compreensão da parte dela, mas, agora, padre... encarando a morte, frente a frente, reflito melhor... Quem sabe se não fui culpado direto? Talvez tivesse levado longe demais meu propósito de viver para a religião, faltando-lhe com a assistência necessária... Lembro-me de que, às vezes, chamava-me "padre sem batina". Possivelmente minha atitude impensada teria dado origem ao desvio da minha companheira...

Após fitar o clérigo demoradamente, implorou:

- Poderá sua caridade continuar indagando por mim? Necessito vê-la, a fim de apaziguar a consciência... Há onze anos, perdi-a de vista...

O sacerdote, no entanto, não parecia intimamente interessado em satisfazê-lo e repetia com impaciência:

- Descanse, descanse... Prosseguirei nas diligências. Tenha coragem, Cavalcante! É provável que tudo venha ao encontro de nossos desejo.

O moribundo, voz entrecortada pelo cansaço, murmurou:

- Obrigado, padre, obrigado!...

O religioso tentou sair, mas Cavalcante, amedrontado, perguntou, ainda:

- Acha que me demorarei muito tempo no purgatório?

- Que idéia! - resmungou o interlocutor, entediado - falta-lhe suficiente confiança no poder de Deus?

Enunciou as últimas palavras com tamanha irritação que o enfermo lhe percebeu o descontentamento, sorriu humilde e calou-se.

DESCARIDOSA INCOMPREENSÃO

O sacerdote, ao se afastar, aliviado, encontrou certo médico e indagou:

- Afinal, que acontece ao Cavalcante? Morre ou não morre? Estou cansado de tantos casos compridos.

- Tem sido gigante na reação – informou o clínico, bem humorado. - Considerando-lhe, porém, os males sem cura, venho examinando a possibilidade da eutanásia.

- Parece-me caridade – redargüiu o religioso -, porque o infeliz apodrece em vida...

O esculápio abafou o riso franco e despediram-se.

A cena chocava-me pelo desrespeito. Ambos os profissionais, o da Religião e o da Ciência, notavam situações meramente superficiais, incapazes de penetração nos sagrados mistérios da alma. Entretanto, para compensar tão descaridosa incompreensão, Cavalcante era objeto de nosso melhor carinho. Por mim, não saberia ministrar-lhe benefícios, dada a insipiência de minha singela colaboração, mas Jerônimo e Bonifácio cercavam-no de singular cuidado, amparando-o como se fora bem-amada criança.

Quando o eclesiástico pisava mais longe, o meu Assistente considerou:

- O pobre sacerdote ainda não possui “olhos de ver”. Cavalcante foi, antes de tudo, perseverante trabalhador do bem.

RECORDAÇÕES E REFLEXÕES PROFUNDAS

O agonizante deu curso ao pranto silencioso. Recordou, de alma oprimida por angustiosa saudade, a infância e a juventude. Percorrera as estradas terrenas, de coração aberto à prática do bem. Não compreendia Jesus encerrado nos templos de pedra, a distância dos famintos e sofredores que choravam por fora. A doutrina que abraçara não lhe oferecia ensejo de mais vasta aplicação ao exemplo evangélico. Era compelido a satisfazer obrigações convencionais e a perder grande tempo através de manifestações de culto externo; entretanto, valera-se de toda oportunidade para testemunhar entendimento cristão. Porque amara o exercício do bem, constante e fiel, era aborrecido aos sacerdotes e familiares em geral. A parentela, inclusive a esposa, considerava-o fanático, desequilibrado, imprestável. Perseverava mesmo assim. Embora as condições elevadas em que desenvolvera a fé, ignorava as lições do Além-Túmulo e receava a morte. Estimaria obter a certeza do destino a seguir. A visão mental do inferno, segundo as concepções católicas, punha-lhe arrepios no espírito exausto. A probabilidade dos sofrimentos purgatoriais enchia-o de temor. Desejava algo de melhor, de mais belo que o velho mundo em que vivera até então... Suspirava por ingressar em coletividade diferente, em que pudesse encontrar corações a pulsarem sintonizados com o dele; sentia fome e sede de compreensão, de profunda compreensão, mas, prejudicado pelos princípios dogmáticos da escola religiosa a que se filiara, repelia-nos a ação.

O Assistente, pondo em prática recursos magnéticos, tentou propiciar-lhe sono brando, de maneira a subtrair-lhe os temores em socorro direto, fora do corpo físico. Contudo, o moribundo lutou por manter-se

vigilante. Temia dormir e não despertar, pensava, ansioso. Queria ver a esposa, antes do fim, dizia de si para consigo. Não era, efetivamente, provável? Não seria justo morrer tranqüilo? Oh! Se ela surgisse! – acariciava a possibilidade – penitenciar-se-ia dos erros passados, pedir-lhe-ia perdão. Tamanha humildade assomava-lhe ao ser, naquela hora de grande abatimento, que não se magoaria em receber-lhe a visita junto do “outro”. Porque odiar? Porventura, não lhe ensinava a lição de Jesus que a fraternidade constitui sempre a bênção do Altíssimo? Quem seria mais culpado? Ele, que mantinha dobrada indiferença para com as exigências afetivas da companheira, pelo arraigado devotamento à fé, ou aquele homem, despreocupado de qualquer responsabilidade, que a recolhera, talvez em desesperação? Se pugnara sempre pela prática da caridade, por que motivo ele, Cavalcante, faltara com a necessária demonstração, portas a dentro do próprio lar? Em verdade, as sugestões sublimes da fé religiosa inflamaram-lhe o espírito de amor universal. Não tolerava a sufocação do idealismo ardente. Ninguém poderia reprová-lo. Mas, se era esse o caminho escolhido, que razão o levaram a desposar pobre criatura, incapaz de apreender-lhe a fome de luz? Porque fizera firmes promessas a um coração feminino, ciente de que ele não poderia atendê-las? A dor desenha a tela da lógica no fundo da consciência, com muito mais nitidez que todos os compêndios do medo. A morte próxima enchia aquela alma formosa de sublimes reflexões. Entretanto, o medo alojara-se dentro dela como sicário invisível.

Cavalcante, que via tão bem na paisagem dos sentimentos humanos, permanecia cego para o “outro lado da vida”, de onde tentávamos auxiliá-lo, em vão.

PROVIDÊNCIAS PARA FACILITAR O DESENCARNE

Debalde, porém, procurou-se prodigalizar ao doente a trégua do sono preparatório e reconfortador. Cavalcante reagia, insistente. Sentindo-nos a aproximação e interferência, de leve, fazia apressados movimentos labiais, recitando orações em que implorava a graça de ver a companheira, antes de morrer.

- Desventurado irmão! – comentou Bonifácio, comovido – não sabe que a consorte desencarnou há mais de ano, num catre, vítima de uma infecção luética.

Jerônimo não se moveu, mas lutei contra mim para não disparar interrogações, a torto e a direito, em busca de pormenores. Coibi-me, felizmente. A hora não comportava perguntas inúteis. Meu Assistente, como se houvera recebido a mais natural das informações, dirigiu a palavra ao companheiro, recomendando:

- Bonifácio, nosso amigo não pode suportar por mais tempo a existência do corpo carnal. A máquina rendeu-se. Dentro de algumas horas, a necrose ganhará terreno e precisamos libertá-lo. Teima em agarrarse à carne apodrecida e pede, comovedoramente, a presença da esposa. Já tentamos auxiliá-lo a desprender-se, afrouxando os laços da encarnação no plexo solar, mas ele reage com espantoso poder. Resolvi, em vista disso, abrir pequenos vasos do intestino para que a hemorragia se faça ininterrupta, até à noite, quando efetuaremos a liberação. Peço a você trazer-lhe a companheira desencarnada, por instante, até aqui. O enfraquecimento físico acentuar-se-á vertiginosamente, de ora em diante, e, com espaço de algumas horas, as percepções espirituais de Cavalcante se farão sentir. Verá, desse modo, a esposa, antes do decesso que se aproxima e dormirá menos inquieto.

Bonifácio pôs-se pronto para cumprir a ordem e assegurou integral cooperação.

Logo após, o Assistente operou, cauteloso, sobre a região intestinal, rompendo certas veias de menor importância, atenuando-lhe a capacidade de resistência.

O AMBIENTE DA ENFERMARIA VISTO POR ANDRÉ LUIZ

A enfermaria estava repleta de cenas deploráveis. Entidades inferiores, retidas pelos próprios enfermos, em grande viciação da mente, postavam-se em leitos diversos, infligindo-lhes padecimentos atroz, sugando-lhes vampirescamente preciosas forças, bem como atormentando-os e perseguindo-os.

Desde o serviço inicial do tratamento de Cavalcante, desagradaram-me tais demonstrações naquele departamento de assistência caridosa e cheguei mesmo a consultar o Assistente quanto à possibilidade de melhorar a situação, mas Jerônimo informou, sem estranheza, que era inútil qualquer esforço extraordinário, pois os próprios enfermos, em face da ausência de educação mental, se incumbiriam de chamar novamente os verdugos, atraindo-os para as suas mazelas orgânicas, só nos competindo irradiar boa-vontade e praticar o bem, tanto quanto fosse possível, sem, contudo, violar as posições de cada um.

Confesso que experimentava enorme dificuldade para desempenhar os deveres que ali me retinham, porquanto as interpelações de infelizes desencarnados atingiam-me insistentemente. Pediam toda a sorte de benefícios, reclamavam melhoras, explodiam em lamúrias sem fim. Sereno e forte, o meu orientador conseguia trabalhar de mente centralizada na tarefa, inacessível às perturbações exteriores. Quanto a mim, entretanto, não alcançara ainda semelhante poder. Os pedidos, os lamentos, os impropérios, feriam-me a observação, impedindo-me de conservar a paz íntima.

REAÇÃO DE CAVALCANTE DIANTE DA VISÃO ESPIRITUAL DA ENFERMARIA

Cavalcante avizinhou-se do coma. O sangue alagava lençóis, que eram substituídos repetidamente. O enfraquecimento geral progredia, rápido.

O agonizante inspirava dó. Abriam-se-lhe certos centros psíquicos, no avançado abatimento do corpo, e o infeliz passou a enxergar os desencarnados que ali se encontravam, não longe dele, na mesma esfera evolutiva. Não nos identificava, ainda, a presença, como seria de se desejar, mas observava, estarecido, a paisagem interior. Outros enfermos encaravam-no, agora, amedrontados. Para todos eles, o colega de sofrimento delirava, inconsciente.

- Estarei no inferno ou vivemos em casa de loucos? – bradava sob horrível tormento moral.

Relanceando o olhar pela extensa enfermaria e fixando os quadros tristes, entre encarnados e desencarnados, inquiriu:

- Por que motivo tantos loucos foram internados aqui? Olhem, olhem aquele! Parece sufocar o infeliz...

Indicava particularidade dolorosa, em que certa entidade assediava pobre doente atacado de asma cardíaca.

O médico, no entanto, contemplou-o, compadecido, e disse à servente:

- É o delírio, precedendo o fim. Não fora a fraqueza invencível, ter-se-ia levantado com impulsos de louco. Doentes e enfermeiros, alarmados, optavam pela remoção do moribundo. Tinham medo. Cavalcante desvairava. Consolavam-se, todavia, na expectativa de que a hemorragia abundante prenunciasse termo próximo.

Jerônimo ministrou-lhe, então, piedosamente, recursos de reconforto, e o agonizante aquietou-se, devagarinho...

O REENCONTRO COM A ESPOSA DESENCARNADA

Não se passou muito tempo e Bonifácio entrou conduzindo verdadeiro fantasma. A ex-consorte, convocada à cena, parecia-se, em tudo, a sombra espectral. Não via o nosso cooperador, mas obedecia-lhe à ordem. Penetrou o recinto, arrastando-se, quase. Satisfazendo o guia, automaticamente, veio ter ao leito de Cavalcante, fitou-o com intraduzível impressão de horror e gritou, longamente, perturbando-lhe a hora de alívio.

O moribundo voltou-se e viu-a. Alegre sorriso estampou-se-lhe no escaveirado rosto.

- Pois és tu, Bela? Graças a Deus, não morrerei sem pedir-te desculpas!...

A ternura com que se dirigia a tão miserável figura causava compaixão.

A esposa abeirou-se do leito, tentando ajoelhar-se. Ouvindo-o, assombrada, retrucou, aflita:

- Joaquim, perdoa-me, perdoa-me!...

- Perdoar-te de quê? – replicou ele, buscando inutilmente afagá-la. Eu, sim, fui injusto contigo, abandonando-te ao léu da sorte... Por favor, não me queiras mal. Não te pude compreender noutra tempo e facilitei-te o passo em falso, colaborando, impensadamente, para que te precipitasses em escuro despenhadeiro. Não entendi o problema doméstico tanto quanto devia... Hoje, porém, que a morte me busca, desejo a paz da consciência. Confesso minha culpa e rogo-te perdão... Desculpa-me...

Falava vencendo enormes obstáculos. No entanto, notava-se que aquele entendimento lhe fazia imenso bem. A mente apaziguara-se-lhe. Contemplava a esposa, reconhecido, quase feliz.

- Ó Joaquim! – suplicou a mísera – perdoa-me! Nada tenho contra ti. O tempo ensinou-me a verdade. Sempre foste meu leal amigo e dedicado marido!

O moribundo escutou-a, esboçando expressão fisionômica de intensa alegria. Fitou-a, em êxtase, totalmente modificado e murmurou:

- Agora, estou satisfeito, graças a Deus!...

Nesse instante, o mesmo médico que víramos, pela manhã, avizinhou-se do leito para a inspeção noturna, acompanhado de diligente enfermeira.

Chamado por ele, voltou-se Cavalcante e, pondo na boca todas as forças que lhe restavam, notificou, feliz:

- Veja, doutor, minha esposa chegou, enfim!

E, interessado em conquistar a atenção do interlocutor, prosseguia:

- Estou contente, conformado... Mas minha pobre Bela parece enferma, abatida... Ajude-a por amor de Deus!

Entrementes, Jerônimo recomendou a Bonifácio retirasse a sombria figura da ex-consorte de Cavalcante, acentuando:

- Não nos convém doravante a permanência de semelhante criatura. Já cumpriu as obrigações que a trouxeram aqui e ainda possui numerosos credores à espera.

A desventurada reagiu, procurando ficar, mas Bonifácio empregou força magnética mais ativa para alcançar o objetivo necessário.

Reparando, porém, que a ex-companheira se afastava aos gritos, o agonizante pôs-se a bradar, alucinado:

- Volta, Bela! Volta!

Esforçou-se o clínico por trazê-lo à esfera de observações que lhe era própria, mas debalde. Cavalcante continuava invocando a presença da esposa, em voz rouquenha, opressa, sumida.

SOLUÇÃO INFELIZ: EUTANÁSIA

O médico abanou a cabeça e exclamou quase num sussurro:

- É impossível continuar assim. Será aliviado.

Jerônimo penetrou-lhe o íntimo, porque passou a mostrar extrema preocupação, comunicando-me, gravemente:

- Beneficiemos o moribundo, por nossa vez, empregando medidas drásticas. O doutor pretende impor-lhe fatal anestésico.

Atendendo-lhe a ordem, segurei a frente do agonizante, ao passo que ele lhe aplicava passes longitudinais, preparando o desenlace. Mas o teimoso amigo continuava reagindo.

- Não – exclamava, mentalmente -, não posso morrer! tenho medo! tenho medo!

O clínico, todavia, não se demorou muito, e como o enfermo lutava, desesperado, em oposição ao nosso auxílio, não nos foi possível aplicar-lhe golpe extremo. Sem qualquer conhecimento das dificuldades espirituais, o médico ministrou a chamada “injeção compassiva”, ante o gesto de profunda desaprovação do meu orientador.

OS EFEITOS DA EUTANÁSIA

Em poucos instantes, o moribundo calou-se. Inteiriçaram-se-lhe os membros, vagarosamente. Imobilizou-se a máscara facial. Fizeram-se vítreos os olhos móveis.

Cavalcante, para o espectador comum, estava morto. Não para nós, entretanto. A personalidade desencarnante estava presa ao corpo inerte, em plena inconsciência e incapaz de qualquer reação.

Sem perder a serenidade otimista, o orientador explicou-me:

- A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente, só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de doze horas.

Regressando Bonifácio, o meu dirigente prestou-lhe informações exatas e confiou-lhe o pobre amigo, que foi imediatamente transportado ao necrotério.

E, conforme a primeira suposição de Jerônimo, somente nos foi possível a libertação do recém-desencarnado quando já haviam transcorrido vinte horas, após serviço muito laborioso para nós. Ainda assim, Cavalcante não se retirou em condições favoráveis e animadoras. Apático, sonolento, desmemoriado, foi por nós conduzido ao asilo de Fabiano, demonstrando necessitar maiores cuidados.

COMENTÁRIOS DE RICHARD SIMONETTI

O termo eutanásia, cujo significado é “morte feliz”, foi criado pelo filósofo Francis Bacon. Ele argumentava que o médico tem a responsabilidade de aliviar doenças e dores, não somente com a cura do mal, mas também proporcionando ao doente uma morte calma e fácil, se o problema for irreversível.

Embora universalmente considerada homicídio, a eutanásia conta com a benevolência da justiça quando aplicada em pacientes terminais atormentados por dores e aflições. São raríssimos os processos contra pessoas envolvidas nesse crime.

Em alguns países cogita-se de considerá-la simples ato médico com o consentimento do próprio doente ou de familiares, no piedoso propósito de abreviar seus padecimentos.

As religiões em geral manifestam-se contrárias à eutanásia, partindo de dois princípios fundamentais:

Primeiro: Compete a Deus, senhor de nossos destinos, promover nosso retorno à Espiritualidade. Na Tábua dos Dez Mandamentos Divinos, recebida por Moisés no Monte Sinai, onde estão os fundamentos da justiça humana, há a recomendação inequívoca: “Não matarás”.

Segundo: Ninguém pode afirmar com absoluta segurança que um paciente está irremediavelmente condenado. A literatura médica é pródiga em exemplos de pacientes em estado desesperador que se recuperam.

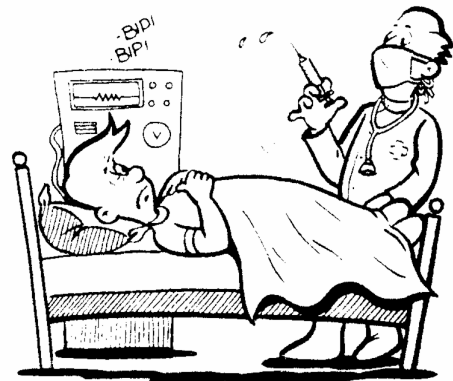
O espiritismo ratifica tais considerações e nos permite ir além, demonstrando que a eutanásia não só interrompe a depuração do Espírito encarnado pela enfermidade, como lhe impõe sérias dificuldades no retorno ao Plano Espiritual.

André Luiz aborda esse assunto no livro “Obreiros da Vida Eterna”, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ao descrever o desencarne de Cavalcante, dedicado servidor do Bem, empolgado por injustificáveis temores da morte. Não obstante seus méritos e o amplo apoio dos amigos espirituais que os assistiam, ele simplesmente recusava-se a morrer, apegando-se à vida física com todas as forças de sua alma.

Com o moribundo inconsciente e sem nenhum familiar a consultar, o médico decide, arbitrariamente, abreviar seus padecimentos, aplicando-lhe dose letal de anestésico. Diz André Luiz:

“Em poucos instantes, o moribundo calou-se. Inteiriçaram-se-lhe os membros vagarosamente. Imobilizou-se a máscara facial. Fizeram-se vítreos os olhos móveis. Cavalcante, para o espectador comum, estava morto. Não para nós, entretanto. A personalidade desencarnante estava presa ao corpo inerte, em plena inconsciência e incapaz de qualquer reação”.

Jerônimo, o mentor espiritual que acompanha André Luiz, explica:



“A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de doze horas”.

Finalizando, o autor acentua:

“E, conforme a primeira suposição de Jerônimo, somente nos foi possível a libertação do recém-desencarnado quando já haviam transcorrido vinte horas, após serviço muito laborioso para nós. Ainda assim, Cavalcante não se retirou em condições favoráveis e animadoras. Apático, sonolento, desmemoriado, foi por nós conduzido ao asilo de Fabiano¹, demonstrando necessitar de maiores cuidados”.

Aplicada desde as culturas mais antigas, a eutanásia, longe de situar-se por “morte feliz” é uma solução infeliz para o paciente, além de se constituir em lamentável desrespeito aos desígnios de Deus.

Quem tem Medo da Morte – págs. 71 a 74

REFLEXÃO

TEMOR DA MORTE

À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro fito ao trabalho; antes dela nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou da má direção deste.

A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria.

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – cap. II

4. Adelaide - espírita cristã

LIVRO

Obreiros da Vida Eterna – André Luiz – cap. 19

LOCAL

Instituto Evangélico na crosta terrestre.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Jerônimo, que se encontrava em missão de instruir André Luiz.

¹ Instituição socorrista do Plano Espiritual

PESSOA OBSERVADA

Adelaide, espírita cristã, prestes a desencarnar.

TIPO DE ATENDIMENTO

Auxiliar no processo desencarnatório de Adelaide.

ESTADO DA PACIENTE

Atendendo à divisão dos serviços, Jerônimo e eu continuamos em ação no instituto evangélico, onde a serva leal de Jesus receberia a carta liberatória. Adelaide, porém, parecia não depender de algemas físicas. Não consegui, por minha vez, auscultar-lhe o espesso organismo, porque a nobre missionária, em virtude do avançado enfraquecimento do corpo, abandonava-o ao primeiro sinal de nossa presença, colocando-se, junto de nós, em sadia palestra.

VISITA DO DR. BEZERRA DE MENEZES

Geralmente, companheiros distintos de nosso plano participavam-nos dos ágapes fraternos.

Na antevéspera do desenlace, tive ocasião de observar a extrema simplicidade do abnegado Bezerra de Menezes, que se encontrava em visita de reconforto junto à servidora fiel.

- Não desejo dificultar o serviço de meus benfeitores - dizia ela, algo triste -, e, por isso, estimaria conservar boa forma espiritual no supremo instante do corpo.

- Ora, Adelaide – considerou o apóstolo da caridade -, morrer é muito mais fácil que nascer. Para organizar, na maioria das circunstâncias, são precisos, geralmente, infinitos cuidados; para desorganizar, contudo, basta por vezes leve empurrão. Em ocasiões como esta, a resolução é quase tudo. Ajude a você mesma, libertando a mente dos elos que a imantam a pessoas, acontecimentos, coisas e situações da vida terrena. Não se detenha. Quando for chamada, não olhe para trás.

E sorrindo:

- Lembre-se de que a mulher de Lot, convertida em estátua de sal, não é símbolo inexpressivo. Há criaturas que, no instante justo de abandonarem a carne, às vezes doente e imprestável, voltam o pensamento para o caminho palmilhado, revivendo recordações menos construtivas... Tropeçam nas próprias apreensões, como se estas fossem pedras soltas ao léu, na senda percorrida, e ficam longos dias físgadas no anzol do incoerente e insatisfeito desejo, sem suficiente energia para uma renúncia nobilitante.

- Espero – asseverou a interlocutora, em tom grave – que os amigos me auxiliem. Sinto-me socorrida, amparada, mas... tenho medo de mim mesma.

- Preocupada assim, minha amiga? – tornou o antigo médico, satisfeito. Não vale a pena. Compreendo-lhe, todavia, a ansiedade. Também passei por aí. Creia, entretanto, que a lembrança de Jesus, ao pé de Lázaro, foi ajuda certa ao meu coração, em transe igual. Busquei insular-me, cerrar ouvidos aos chamamentos do sangue, fechar os olhos à visão dos interesses terrenos, e a libertação, afinal, deu-se em poucos segundos. Pensei nos ensinamentos do Mestre, ao chamar Lázaro, de novo, à existência, e recordei-lhe as palavras: - “Lázaro, sai para fora!” Centralizando a atenção na passagem evangélica, afastei-me do corpo grosseiro sem obstáculo algum.

A simplicidade do narrador encantava.

Adelaide sorriu, sem no entanto disfarçar a preocupação íntima.

Valendo-se da pausa, Jerônimo aduziu:

- Aliás, cumpre-nos destacar as condições excepcionais em que partirá nossa amiga. Em tais circunstâncias, apenas lastimo aqueles que se agarram em demasia aos caprichos carnis. Para esses, sim, a situação não é agradável, porquanto o semeador de espinhos não pode aguardar colheita de flores. Os que se consagram à preparação do futuro com a vida eterna, através de manifestações de espiritualidade superior, instintivamente aprendem todos os dias a morrer para a existência inferior.

Reparei que a abnegada irmã se mostrava mais calma e conformada, a essa altura.

Interrompeu-se a conversação, porque Adelaide foi obrigada a reanimar repentinamente o corpo, a fim de receber a última dose de medicação noturna.

RÁPIDA EXCURSÃO ANTES DO DESENCARNE

Ao regressar ao nosso plano, Jerônimo ofereceu-lhe o braço amigo para rápida excursão ao estabelecimento de Fabiano.

A irmã Zenóbia desejava vê-la, antes do desenlace. A grande orientadora do asilo errático admirava-lhe os serviços terrestres e, por mais de uma vez, valeu-se de seu fraternal concurso em atividades de regeneração e esclarecimento.

Adelaide acompanhou-nos, contente.

Em breves minutos, recebidos pela administradora, como que se repetia a mesma palestra de minutos antes, apenas com a diferença de que Zenóbia tomara a posição reanimadora do devotado Bezerra.

A bondosa discípula de Jesus, em vias de retirar-se da Crosta, era alvo do carinho geral.

Depois de considerações convincentes por parte de Zenóbia, que se esmerava em ministrar-lhe bom ânimo.

AS PREOCUPAÇÕES DE ADELAIDE

Adelaide, humilde, expôs-lhe as derradeiras dificuldades.

Ligara-se, fortemente, à obra iniciada nos círculos carnis e sentia-se estreitamente ligada, não somente à obra, mas também aos amigos e auxiliares. Por força de circunstâncias imperiosas, acumulava funções diversas no quadro geral dos serviços. Possuía toda uma equipe de irmãs dedicadíssimas, que colaboravam com sincero desprendimento e alto valor moral, no amparo à infância desvalida. Se estimava profundamente as cooperadoras, era, igualmente, muito querida de todas elas. Como se haveria ante as dificuldades que se agravavam? No íntimo, estava preparada; no entanto, reconhecia a extensão e a complexidade dos óbices mentais. Seu quarto de dormir, na casa terrena, semelhava a redoma de pensamentos retentivos a interceptarem-lhe a saída. Quanto menos se via presa ao corpo, mais se ampliava a exigência dos parentes, dos amigos... Como portar-se ante essa situação? Como fazer-lhes sentir a realidade? Enlaçara-se em vastos compromissos, tornara-se, involuntariamente, a escora espiritual de muitos. Entretanto, ela mesma reconhecia a imprestabilidade do aparelho físico. A máquina fisiológica atingira o fim. Não conseguiria manter-se, ainda mesmo que os valores intercessórios lhe conseguissem prorrogação de tempo.

A orientadora escutou-a, atenta, qual médico experimentado em face de doente aflito, e observou, por fim:

- Reconheço os obstáculos, mas não se amofine. A morte é o melhor antídoto da idolatria. Com a sua vinda operar-se-á a necessária descentralização do trabalho, porque se dará a imposição natural de novo esforço a cada um. Alegre-se, minha amiga, pela transformação que ocorrerá dentro em pouco. Reanime-se, sobretudo, para que a sua situação se reajuste naturalmente sem qualquer ponto de interrogação ao término da experiência atual.

Silenciou durante alguns momentos e notificou, em seguida:

- Temos ainda a noite de amanhã. Aproveitá-la-ei para dirigir-me aos seus colaboradores, em apelo à compreensão geral. Amigos nossos contribuirão para que se reúnam em assembléia, como se faz indispensável.

A visitante agradeceu, penhorada.

Prosseguimos na mesma vibração de cordialidade, mas Zenóbia modificou o rumo da palestra.

Abandonando os assuntos de morte e sofrimento, comentou os serviços edificantes que levava a efeito, junto de certa expedição socorrista, cujos membros realizavam admiráveis experiências no instituto, nos dias em que se desobrigavam dos trabalhos imediatos na Crosta. E discorreu tão brilhantemente sobre a tarefa, que Adelaide olvidou, por minutos, a situação que lhe era peculiar, interessando-se vivamente

pelos lances descritivos. A providência coroava-se de animadores resultados, porque a conversação diferente fizera-lhe enorme bem, propiciando-lhe provisório apaziguamento mental.

A desencarnante tornou ao corpo, bem disposta, reanimada.

PREPARATIVOS PARA A REUNIÃO ESPIRITUAL

No decurso do dia, Jerônimo e a diretora da Casa Transitória combinaram medidas relativas à reunião da noite. O Assistente empregaria todo o esforço para que a organização fisiológica da enferma estivesse nas melhores condições, enquanto dois ativos auxiliares de Zenóbia se incumbiriam de cooperar para a condução do pessoal de Adelaide à assembléia.

O dia, desse modo, esteve cheio de tarefas referentes à articulação prevista.

Através de reiterados passes magnéticos sobre os órgãos da circulação - nos quais o meu concurso foi dispensado por desnecessário, em vista da extrema passividade da enferma -, Adelaide entrou em fase de inesperada calma, tranqüilizando o campo das afeições terrenas.

Renovaram-se, de súbito, as esperanças. A reação orgânica surgira, dentro de novo impulso, melhorando o quadro dos prognósticos em geral. Multiplicaram-se as vibrações de paz e as preces de reconhecimento.

Em vista disso, iniciou-se, com grande facilidade, após a meia-noite, o trabalho preparatório da grande reunião.

Auxiliadores de nosso plano trouxeram companheiros da instituição, localizados em regiões diversas, provisoriamente desenfaxados do corpo físico pela atuação do sono.

Integrando a turma de trabalhadores que organizavam o ambiente, reparei, curioso, que a maior percentagem de recém-chegados se constituía de mulheres e cumpre-nos anotar que dava satisfação observar-lhes a reverência e o carinho. Todos traziam a mente polarizada na prece, em favor da benfeitora doente, para elas objeto de admiração e ternura. Fitavam-nos, respeitosas e tímidas, endereçando-nos pensamentos de súplica, sem lembranças inúteis ou nocivas. Os poucos homens que compareceram estavam contagiados pela veneração coletiva e mantinham-se na mesma posição sentimental.

A elevação ambiente espalhava fluidos harmoniosos, possibilitando agradáveis sensações de confiança e tranqüilidade.

Por sugestão de Jerônimo, a reunião seria realizada no extenso salão de estudos e preces públicas, devidamente preparado. Para esse fim, não poupáramos esforços. Acionando peças de eficaz cooperação, submetemos a enorme dependência a rigoroso serviço de limpeza. Os componentes da assembléia podiam descansar tranqüilos, sem o assédio de correntes mentais inferiores. Luzes e flores de nossa esfera espargiam notas de singular encantamento. Por isso mesmo, era belo apreciar o contínuo ingresso das senhoras que, em oração, a distância do organismo grosseiro, irradiavam de si próprias admiráveis expressões de luz nitidamente diferenciadas entre si.

Conservávamo-nos junto de todos, em atitude vigilante, para manter o imprescindível padrão vibratório, quando, em seguida à primeira hora, a Irmã Zenóbia, acompanhada de beneméritos amigos da casa, deu entrada no recinto, conduzindo Adelaide, extremamente abatida.

AS PALAVRAS DE ZENÓBIA

A diretora da organização transitória de Fabiano tomou o lugar de orientação e, antes de interferir no assunto principal que a trazia até ali, ergueu a destra, rogando a bênção divina para a comunidade que se reunia, atenciosa e reverente.

Tive, então, oportunidade de verificar, mais uma vez, o prodigioso poder daquela mulher santificada. Sua mão despendia raios de claridade safirina, com tanta prodigalidade, que nos proporcionava a idéia de estar em comunicação com extenso e oculto reservatório de luz.

Finda a saudação, pronunciada com formosa inflexão de ternura, mudou o tom de voz e dirigiu-se aos ouvintes, com visível energia:

- Minhas irmãs, meus amigos, serei breve. Venho até aqui somente fazer-vos pequeno apelo. Não ignoreis que nossa Adelaide necessita passagem livre a caminho da espiritualidade superior. Enferma desde muito, cooperou conosco, anos consecutivos, dando-nos o melhor de suas forças. Dócil às influências do bem, foi valioso instrumento na organização desta casa de amor evangélico. Administrou a obra com cuidado e, muita vez, em nosso instituto de socorro, fora dos círculos carnavais, recebemos preciosa colaboração de seu esforço, de sua boa vontade.

Endereçou o olhar firme à assistência e obtemperou:

- Porque a detendes? Há dias, o quarto de repouso físico da doente que nos é tão amada permanece enlaçado com pensamentos angustiosos. São forças que partem de vós, sem dúvida, companheiros ciosos do trabalho em ação, mas esquecidos do “faça-se a vossa vontade” que devemos dirigir ao Supremo Senhor, em todos os dias da vida. Lastimo as circunstâncias que me compelem a falar-vos com tamanha franqueza. Entretanto, não nos resta alternativa diferente. Acreditais na vitória da morte, em oposição à gloriosa eternidade da vida? Adelaide apenas restituirá maquinaria gasta ao laboratório da Natureza. Continuará, porém, contribuindo nos serviços da verdade e do amor, com ânimo inextinguível. Quanto a vós, não olvideis a necessidade de ação individual, no campo do bem. Que dizer do viticultor que estima o valor da vinha somente através dos serviços de alheias mãos? como apreciar o amante das flores que nunca desceu a cultivar o próprio jardim? Não façais a consagração da ociosidade, mantendo-vos a distância do desenvolvimento de vossas possibilidades infinitas. Indubitavelmente, cooperação e carinho são estimulantes sublimes na execução do bem, mas, há que evitar a intromissão do fantasma do egoísmo a expressar-se em tirania sentimental. Não podemos asseverar que impedis propositadamente a liberação da companheira de cárcere. A existência carnal constitui aprendizado demasiadamente sublime para que possamos reduzi-la à classe de mera enxovia comum. Não, meus amigos, não nos abalancaríamos a semelhante declaração. Referimo-nos tão só ao violento impulso de idolatria a que vos entregais impensadamente, pelos desvarios da ternura mal compreendida. A aflição com que intentais reter a missionária do bem, é filha do egoísmo e do medo. Alegais, em favor do vosso indesejável estado dalma, a confiança de que Adelaide se tornou depositária fiel, como se não devêsseis desenvolver as faculdades espirituais que vos são próprias, criando a confiança positiva em Deus e em vós mesmos, no trabalho improrrogável de auto-realização, e pretextais orfandade espiritual simplesmente pelo receio de enfrentar, por vós mesmos, as dores e os riscos, as adversidades e os testemunhos inerentes à iluminação do caminho para a vida eterna.

- Afirmais mentalmente que Adelaide é a viga mestra deste pouso de amor, que surgirão dificuldades talvez invencíveis para que seja substituída no leme da orientação geral; entretanto, sabeis que vossa irmã, não obstante os valores incontestáveis que lhe exornam a personalidade, foi apenas instrumento digno e fiel desta criação de benemerência, sem ter sido, porém, sua fundadora. Afeiçãoou-se ao espírito cristão, ao qual nos adaptaremos por nossa vez, e foi utilizada pelo Doador das Bênçãos nos trabalhos de extensão do Evangelho Purificador. Não lhe deponhais na frente amiga a coroa da responsabilidade total, cujo “peso de glórias” deve repartir-se com todos os servos sinceros das boas obras, como se dividem, inevitavelmente, os valores de cooperação. Adelaide conhece a sua condição de colaboradora leal e não deseja lauréis que de modo algum lhe pertencem. Aguarda, apenas, que os companheiros de luta transfiram ao Cristo o patrimônio do reconhecimento, rogando simplesmente as afeições, a simpatia e a compreensão para as suas necessidades na vida nova. Libertemo-la, pois, oferecendo-lhe pensamentos de paz e júbilo, partilhando-lhe a esperança na esfera mais elevada.

RESPOSTA DO ALTO AOS APELOS DE ZENÓBIA

Zenóbia interrompeu-se e, nesse instante, como se lhe atendessem, de muito alto, os apelos silenciosos, começaram a cair sobre nós raios de luz balsamizante, acentuando-nos a sensação de felicidade e contentamento.

Logo após, a orientadora terminou, orando sentidamente e suplicando para todos nós a bênção divina do Pai Poderoso e Bom.

Diversos ouvintes não se demoraram no recinto, regressando ao ambiente comum sob a custódia de amigos vigilantes. Algumas senhoras, contudo, aproximaram-se da oradora, endereçando-lhe palavras de alegria e gratidão.

Mais alguns minutos e a assembléia dispersava-se, tranqüila. Por fim, despediram-se igualmente a Irmã Zenóbia e os outros companheiros.

RETORNO AO CORPO FÍSICO

Adelaide, ao retornar a matéria, respira, radiante. Entretanto, pelo soberano júbilo daquela hora, ganhou tamanha energia no corpo perispiritual que o regresso às células de carne foi complicado e doloroso. Súbito mal-estar invadiu-a, ao entrar em contacto com os depauperados centros físicos.

Tomava-os e abandonava-os, sucessivamente, como pássaro a sentir a exigüidade do ninho.

EXPLICAÇÕES DE JERÔNIMO

Indagando de Jerônimo quanto à surpresa, dele recebeu a explicação necessária.

- Depois da palavra esclarecida de Zenóbia - disse afavelmente o mentor -, extinguíram-se as correntes mentais de retenção que se mantinham pelo entendimento fraterno da comunidade reconhecida. Privou-se o corpo carnal do permanente socorro magnético, ao qual o afluxo dessas correntes alimentava, atenuando-lhe a resistência e precipitando a queda do tono vital. Além disso, o contentamento desta hora robusteceu-lhe, sobremaneira, os centros perispirituais. Impossível, dessa forma, evitar a sensação angustiada no contacto com os órgãos doentes.

E, com benévola expressão, afagou carinhosamente a enferma, falando-lhe, em seguida a breve intervalo:

- Não se incomode, minha amiga! O casulo reduziu-se, mas suas asas cresceram... Pense, agora, no vôo que virá.

O DESENCARNE DE ADELAIDE

Adelaide esforçou-se para mostrar satisfação no semblante novamente abatido e rogou, tímida, lhe fosse concedido o obséquio de tentar, ela própria, a sós, a desencarnação dos laços mais fortes, em esforço pessoal, espontâneo.

Jerônimo aquiesceu, satisfeito.

E, mantendo-nos de vigilância em câmara próxima, deixamo-la entregue a si mesma, durante as longas horas que consumiu no trabalho complexo e persistente.

Não sabia que alguém pudesse efetuar semelhante tarefa, sem concurso alheio, mas o orientador veio em socorro de minha perplexidade, esclarecendo:

- A cooperação de nosso plano é indispensável no ato conclusivo da libertação; todavia, o serviço preliminar do desenlace, no plexo solar e mesmo no coração, pode, em vários casos, ser levado a efeito pelo próprio interessado, quando este haja adquirido, durante a experiência terrestre, o preciso treinamento com a vida espiritual mais elevada. Não há, portanto, motivo para surpresa. Tudo depende de preparo adequado no campo da realização.

Meu dirigente explicara-se com muita razão. Efetivamente, só no derradeiro minuto interveio Jerônimo para desatar o apêndice prateado.

A agonizante estava livre, enfim!...

Abriu-se a casa à visitação geral.

Evangelizados pelo verbo construtivo de Zenóbia, os cooperadores encarnados, embora não guardassem minudentes recordações, sustentaram discreta atitude de respeito, serenidade e conformação.

A denodada batalhadora, agora liberta, esquivou-se gentilmente ao convite para a partida imediata. Esperou a inumação dos despojos, consolando amigos e recebendo consolações.

Depois de orar, fervorosamente, no último pouso das células exaustas, agradecendo-lhes o precioso concurso nos abençoados anos de permanência na Crosta, Adelaide, serena e confiante, cercada de numerosos Amigos, partiu, em nossa companhia, a caminho da Casa Transitória, ponto de referência sentimental da grande caravana afetiva...

REFLEXÃO

Não basta crer na imortalidade da alma. Inadiável é a iluminação de nós mesmos, a fim de que sejamos claridade sublime.

No Mundo Maior – André Luiz

5. Cremilda - a noiva

LIVRO

Os Mensageiros – André Luiz – cap. 48

LOCAL

Necrotério na crosta terrestre.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Aniceto, que se encontrava em missão de instruir André Luiz e Vicente.

PESSOA OBSERVADA

Cremilda, jovem de menos de trinta anos, recém-desencarnada.

TIPO DE ATENDIMENTO

Socorrer Cremilda, espírito, que se encontrava unida aos despojos físicos.

ESTADO DA PACIENTE

Puséramo-nos a caminho e, a breves minutos, estacionávamos diante dum edifício de vastas proporções.

O colega, gentil, conduziu-nos ao interior de espaçoso necrotério, onde defrontamos um quadro interessante. O cadáver de uma jovem, de menos de trinta anos, ali jazia gelado e rígido, tendo a seu lado uma entidade masculina, em atitude de zelo. Com assombro, notei que a desencarnada estava unida aos despojos. Parecia recolhida a si mesma, sob forte impressão de terror. Cerrava as pálpebras, deliberadamente, receosa de olhar em torno.

- Terminou o processo de desligamento dos locos fisiológicos – exclamou o facultativo atento -, mas a pobrezinha há seis horas que está dominada por terrível pavor.

O NOIVO DESENCARNADO

E apontando o cavalheiro desencarnado, que permanecia junto dela, cuidadoso, o receitista esclareceu:

- Aquele é o noivo que a espera, há muito.

Aproximamo-nos um tanto e ouvimo-lo exclamar carinhosamente:

- Cremilda! Cremilda! vem! abandona as vestes rotas. Fiz tudo para que não sofresse mais... Nossa casinha te aguarda, cheia de amor e luz!...

A jovem, todavia, cerrava os olhos, demonstrando não querer vê-lo. Notava-se, perfeitamente, que seu organismo espiritual permanecia totalmente desligado do vaso físico, mas a pobrezinha continuava estendida, copiando a posição cadavérica, tomada de infinito horror.

ORIENTAÇÕES DE ANICETO AO NOIVO

Aniceto, que tudo pareceu compreender num abrir e fechar de olhos, fez leve sinal ao rapaz desencarnado, que se aproximou comovido.

- É preciso atendê-la doutro modo – disse o nosso orientador, resoluto -, vejo que a pobrezinha não dormiu no desprendimento e mostra-se amedrontada por falta de preparação espiritual. Não convém que o amigo se apresente a ela já, já... Não obstante o amor que lhe consagra, ela não poderia revê-lo sem terrível comoção, neste instante em que a mente lhe flutua sem rumo...

- Sim – considerou ele, tristemente -, há seis horas chamo-a sem cessar, identificando-lhe o terror.

CAUSA: AUSÊNCIA DE PREPARAÇÃO ESPIRITUAL

Redargüiu Aniceto, conselheiral:

- Ausência de preparação religiosa, meu irmão. Ela dormirá, porém, e, tão logo consiga repouso, entregá-la-emos aos seus cuidados. Por enquanto, conserve-se a alguma distância.

O ATENDIMENTO

E fazendo-se acompanhar do facultativo, que assistira espiritualmente a jovem nos últimos dias, aproximou-se da recém-desencarnada, falando com inflexão paternal:

- Vamos, Cremilda, ao novo tratamento.

Ouvindo-o, a moça abriu os olhos espantadiços e exclamou:

- Ah, doutor, graças a Deus! que pesadelo horrível! Sentia-me no reino dos mortos, ouvindo meu noivo, falecido há anos, chamar-me para a Eternidade!...

- Não há morte, minha filha! – objetou Aniceto, afetuoso – creia na vida, na vida eterna, profunda, vitoriosa!

- É o senhor o novo médico? – indagou, confortada.

- Sim, fui chamado para aplicar-lhe alguns recursos em bases magnéticas. Torna-se indispensável que durma e descanse.

- É verdade... - tornou ela de modo comovente -, estou muito cansada, necessitando de repouso...

Recomendou-nos o instrutor, em voz baixa, prestássemos auxílio, em atitude íntima de oração, e, depois de conservar-se em silêncio por instantes, ministrou-lhe o passe reconfortador. A jovem dormiu quase imediatamente.

Deslocou-a Aniceto, afastando-a dos despojos, com o zelo amoroso dum pai, e, chamando o noivo reconhecido, entregou-a carinhosamente.

- Agora, poderá encaminhá-la, meu irmão.

O rapaz agradeceu com lágrimas de júbilo e vi-o retirar-se de semblante iluminado, utilizando a volitação, a carregar consigo o fardo suave do seu amor.

CONSIDERAÇÕES DE ANICETO

Nosso mentor fixou um gesto expressivo e falou:

- Pela bondade natural do coração e pelo espontâneo cultivo da virtude, não precisará ela de provas purgatorias. É de lamentar, contudo, não se tivesse preparado na educação religiosa dos pensamentos. Em breve, porém, ter-se-á adaptado à vida nova. Os bons não encontram obstáculos insuperáveis.

E, desejoso talvez de consubstanciar a síntese da lição, rematou:

- Como vêem, a idéia da morte não serve para aliviar, curar ou edificar verdadeiramente. É necessário difundir a idéia da vida vitoriosa. Aliás, o Evangelho já nos ensina, há muitos séculos, que Deus não é Deus de mortos, e, sim, o Pai das criaturas que vivem para sempre.

ESCLARECIMENTOS SOBRE “PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS” DURANTE E APÓS A MORTE

- Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?
- A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência.

Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginaí um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida?

A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.

Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

O Consolador – Emmanuel – Q. 147

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação”.

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os espíritos?

“Não; depende da elevação da cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria”.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. III

Com raríssimas exceções, as criaturas humanas sofrem perturbações durante e após a grande transição.

Em Doutrina Espírita, cremos que a afirmativa com que iniciamos o presente capítulo é aceita pela generalidade dos que a estudam, sendo também pacífico o entendimento de que tal perturbação não é igual para todos. Varia de indivíduo a indivíduo.

Naqueles que transpõem os pórticos espirituais inteiramente despreparados, em função do tipo de existência materialista e materializadora que levaram, mais forte é o desequilíbrio, dado que as impressões da vida corporal transferem-se, integralmente, para o plano da consciência desencarnada.

Os prejuízos e sofrimentos com que deparam os que vivem alheios a qualquer esforço pessoal, no campo das lutas renovadoras, podem ir de simples depressões, motivadas por complexos culposos, até os terríveis processos de tortura impostos pela mente que se liberou do corpo físico mas não se libertou das peias do remorso profundo.

Os que vivem em função do bem e da moral, embora sintam os efeitos do choque biológico da desencarnação, podem guardar, por muito tempo, impressões incomodativas; contudo, prontamente se reintegram nos trilhos do equilíbrio espiritual, com a conseqüente adaptação ao novo plano de vida, regido por leis até então por eles ignoradas.

De acordo com o Espiritismo, não há mistério, não há privilégios regendo a vida no plano subjetivo, ou espiritual.

Além da morte, a posição evolutiva é que determina o estado da alma desencarnada – negativo ou positivo, feliz ou desventurado.

“... acende, desde agora, a luz do bem constante, na rota dos teus dias, para que a sombra imensa te não furete ao olhar a visão das estrelas” – adverte, carinhosamente, o respeitável Mentor, descortinando ante nossos olhos, ainda baços, os clarões do amor e da sabedoria.

Acender a luz do bem, para que não haja prolongado aturdimento, após a morte física.

Usar o combustível do amor, para que menor seja a perturbação e, assim, mais rápido se dê o despertar e mais breve a recuperação do equilíbrio “além-fronteiras”.

Ninguém, a não ser entidades com larga soma de experiência no trato com os enfermos desencarnados, poderá prever a intensidade e a duração das crises mentais que a maioria dos homens leva para o mundo espiritual.

É como acontece na esfera terrestre: somente o médico experimentado, de vasto tirocínio, poderá determinar, com razoável margem de probabilidades de acerto, a duração de certas crises orgânicas e, mesmo, a época aproximada da morte.

Em determinados gêneros de desencarnação, a inconsciência parcial ou total sobrevém ao desenlace, especialmente nas chamadas “mortes violentas”.

A Providência Divina, caracterizando-se, invariavelmente, por infinita bondade a extrema misericórdia, funciona, em algumas ocasiões, por intermédio de Sublimes Mensageiros, no sentido de que seja retardado o despertar além-túmulo, para evitar conseqüências e feitos dolorosos.

Quando o despertar pode contribuir para aumentar a dor do recém-aportado aos continentes ultrafísicos, a providência, generosa e magnânima, é aguardarem os Amigos Espirituais o concurso do tempo, o extraordinário benfeitor, a fim de que se não contrariem universais princípios de misericórdia que substancializam as leis divinas.

Em casos de acidentes não provocados pelo próprio desencarnado, é realmente doloroso para o Espírito sentir, vivamente, o corpo dilacerado, os miolos estourados, os membros mutilados.

A lei funciona, atenuando ou agravando, na proporção da responsabilidade de cada um, quanto ao gênero de morte.

A recordação dos lances que o levaram à desencarnação, na época aparentemente incontornáveis, acentua o sofrimento, causando terrível mágoa pela compreensão de que desperdiçou o tesouro da existência.

A “saudade da vida”, a saudade dos entes queridos que ficaram na retaguarda, no palco da Terra, punge-lhe o coração.

Em nome da Suprema Bondade, Emissários Celestes deixam, por vezes, os recém-desencarnados temporariamente envolvidos no magnetismo pesado com que se revestem. No entanto, tão logo o tempo funcione, beneficentemente, os princípios de misericórdia, reconfortando e pacificando, dando coragem e bom animo, alcançam o coração em desequilíbrio, induzindo-o à confiança no Divino Poder.

Despertados no tempo próprio, os desajustados do coração e da inteligência, do sentimento e do raciocínio passam a receber os influxos da prece, que é o pão do Espírito, embora saibamos, todos nós, que a oração não nos exonera das lutas, mas ajuda-nos a transpô-las galhardamente.

Desta maneira, resumindo, doutrinariamente, os conceitos expendidos em “O Livro dos Espíritos” e a observação formulada, sabiamente, por Emmanuel, em torno da posição da alma após a morte física, podemos acentuar, por verdade doutrinária, que:

- A alma despreparada e culpada cristaliza a mente em situações, pessoas e sentimentos.
- Verdadeiros dramas de consciência se desenrolam no palco ensandecido da mente que faliu deliberadamente.
- A cristalização mental define-se por “uma parada no tempo e no espaço”.
- Vibrações pesadas e angustiosas constituem cativo para a alma.
- Amigos espirituais, em nome do Amparo Divino, observam, acompanham, contemplam e ajudam os que ingressam no mundo espiritual em posição de desajuste.

O esforço próprio é lei em todos os cometimentos evolutivos.

Na Terra e no Espaço, ninguém aprende, nem evolui, se não souber aproveitar o concurso, valioso, dos Benfeitores Espirituais.

Encarnados ou desencarnados, condicionamo-nos aos próprios recursos e valores espirituais; contudo, dadas as nossas milenárias imperfeições, dependemos, e muito, do auxílio dos Missionários da Luz...

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 238

6. A desencarnação de Fernando

LIVRO

Os Mensageiros – André Luiz – cap. 50

LOCAL

Residência de Fernando na crosta terrestre.

ESPÍRITO INSTRUTOR

Aniceto, que se encontrava em missão de instruir André Luiz e Vicente.

PESSOA OBSERVADA

Fernando, que se encontrava moribundo.

TIPO DE ATENDIMENTO

Auxiliar no processo desencarnatório de Fernando.

SOLICITAÇÃO MATERNA

No aposento, conservava-se determinado número de parentes aflitos. Um médico encarnado examinava o moribundo, com atenção.

Foi aí que as duas entidades que se mantinham no quarto, e que apenas nos haviam dispensado a usual saudação, se aproximaram do nosso instrutor, solicitando-lhe uma cooperação mais energética.

- Por favor, nobre amigo - disse a irmã que havia sido genitora do moribundo -, ajude-nos a retirar meu pobre filho do corpo esgotado. Há muitas horas, estamos à espera de alguém que nos possa auxiliar neste transe.

ESTADO DO PACIENTE

- Tenho procurado confortá-lo, mas em vão! – acentuou a nobre senhora em tom lastimoso – ele continua num estado de incompreensão dolorosa e terrível. Está absolutamente preso às sensações de sofrimento físico, como esteve ligado, no curso da existência, às satisfações do corpo.

Aniceto concordou, acrescentando:

- Notam-se, de fato, grandes lacunas na expressão mental do moribundo. Vê-se que atravessou a vida humana obedecendo mais ao instinto que à razão. Observam-se-lhe no mundo celular vastos complexos de indisciplina. Poderemos, contudo, ajudá-lo a desvencilhar-se dos laços mais fortes, no que se refere ao círculo carnal.

- Será um caridoso obséquo – redargüiu a genitora, aflita.

- A irmã está incumbida de encaminhá-lo? - perguntou o instrutor, compreendendo a magnitude da tarefa. - Precisamos ponderar, quanto a isto, porque o desprendimento integral se verificará dentro de poucos minutos.

Ela esboçou um gesto triste e respondeu:

- Desejaria sacrificar-me ainda um pouco por meu desventurado Fernando, mas apenas obtive permissão para socorrê-lo nos seus últimos instantes. Meus superiores prometem ajudá-lo, mas aconselharam-me a deixá-lo entregue a si mesmo durante algum tempo. Fernando precisa reconsiderar o passado, identificar os valores que, infelizmente, desprezou. As lágrimas e os remorsos, na solidão do arrependimento, serão portadores de calma ao seu espírito irrefletido. Grande é o meu desejo de conchegá-lo ao coração, regressando aos dias que já se foram; todavia, não posso prejudicar, com a minha ternura materna, a marcha do serviço divino. Fernando, em verdade, é filho do meu afeto; contudo, tanto ele como eu, temos contas com a Justiça do Eterno e, no que respeita a mim, estou cansada de agravar os meus débitos. Não devo contrariar os desígnios de Deus.

A essa altura do diálogo, interveio o clínico espiritual que nos encaminhara até ali, informando, atencioso:

- Nossa amiga tem razão. Fernando não poderá acompanhá-la, mas tão nobre tem sido a intercessão materna que tenho instruções para conduzi-lo a lugar seguro, a uma casa de socorro, onde poderá colher o melhor proveito do sofrimento, porquanto será asilado em zona vibratória inacessível às influências inferiores e criminosas, embora situada em regiões baixas.

- Já sei - murmurou Aniceto com grave entono -, trata-se de medida muito acertada.

DESENCARNE: INFLUÊNCIA DOS FAMILIARES

Em seguida, acentuou como quem não tinha tempo a perder:

- A aflição dos familiares encarnados, aqui presentes, poderá dificultar-nos a ação. Observem como todos eles emitem recursos magnéticos em benefício do moribundo.

De fato, uma rede de fios cinzentos e fracamente iluminados parecia ligar os parentes ao enfermo quase morto.

- Tais socorros - tornou Aniceto - são agora inúteis para devolver-lhe o equilíbrio orgânico. Precisamos neutralizar essas forças, emitidas pela inquietação, proporcionando, antes de tudo, a possível serenidade à família.

E, aproximando-se ainda mais do agonizante, tomou a atitude do magnetizador, exclamando:

- Modifiquemos o quadro do coma.

Após alguns minutos em que nosso mentor operava, secundado pelo nosso respeitoso silêncio, ouvimos o médico encarnado anunciar aos parentes do moribundo:

- Melhoram os prognósticos. A pulsação, inexplicavelmente, está quase normal. A respiração tende a calmar-se.

Três senhoras suspiraram aliviadas.

- Dona Amanda - dirigiu-se o assistente à esposa do moribundo -, convém que vá repousar, levando as suas cunhadas. O senhor Fernando está muito tranqüilo e a situação é francamente favorável. Ficaremos velando, o senhor Januário e eu.

As senhoras e mais dois cavalheiros, que se prontificavam a retirar, agradeceram satisfeitos e comovidos. Permaneceram no aposento somente o médico e um irmão do agonizante. A melhora súbita tranqüilizara a todos. E, aos poucos, os fios cinzentos que se ligavam ao enfermo desapareceram sem deixar vestígios.

AS COMPANHIAS ESPIRITUAIS

- Abramos a janela - disse o médico satisfeito -, o ar talvez acelere as melhoras do nosso amigo.

O senhor Januário atendeu, abrindo a ampla vidraça.

Fundamente espantado, reparei que três rostos horríveis pela expressão diabólica surgiram, de repente, no peitoril, e interrogaram em voz alta:

- Como é? Fernando vem ou não vem?

Ninguém respondeu. Notei, porém, que Aniceto lhes dirigiu significativo olhar, compelindo-os tão só com essa medida, a desaparecer. O instrutor me fitou atento, e, antes que formulasse qualquer pergunta, esclareceu:

- Não se preocupe tanto, André, com os vagabundos que esperavam nosso irmão infeliz. Só não penetraram na câmara de dor porque a nobre presença maternal impedia tal assédio.

E, depois de calar-se por momentos, acrescentou:

- Cada criatura, na vida, cultiva as afeições que prefere. Fernando estimava os companheiros desregrados. Não é, pois, estranhável, que tenham vindo esperá-lo na estação de volta à existência real. Paulo de Tarso, no capítulo 12 da Epístola aos Hebreus, afirma que o homem está cercado de uma grande "nuvem de testemunhas". Ora, essa informação foi endereçada ao espírito humano há quase vinte séculos. Cada um, pois, tem o séquito invisível a que se devota na Terra. Mais tarde, quando a coletividade apreender a grandeza das lições evangélicas, todo homem terá cuidado na escolha de suas testemunhas.

O PROCESSO DESENCARNATÓRIO

Meia hora passou, dentro da qual o médico e o senhor Januário, quase despreocupados do agonizante, pelas melhoras havidas, encetaram uma conversação animada, relativamente a problemas do mundo.

Aproveitou Aniceto a serenidade ambiente e começou a retirar o corpo espiritual de Fernando, desligando-o dos despojos, reparando eu que iniciara a operação pelos calcanhares, terminando na cabeça, à qual, por fim, parecia estar preso o moribundo por extenso cordão, tal como se dá com os nascituros terrenos. Aniceto cortou-o com esforço. O corpo de Fernando deu um estremeção, chamando o médico humano ao novo quadro. A operação não fora curta e fácil. Demorara-se longos minutos, durante os quais vi o nosso instrutor empregar todo o cabedal de sua atenção e talvez de suas energias magnéticas.

A família do morto, informada pelo senhor Januário, aflita penetrou no quarto, ruidosamente.

A genitora do desencarnado, porém, auxiliada por Aniceto e pelo facultativo espiritual que nos levava até ali, prestou ao filho os socorros necessários. Daí a instantes, enquanto a família terrena se debruçava em pranto sobre o cadáver, a pequena expedição constituída por três entidades, as duas senhoras e o clínico, saía conduzindo o desencarnado ao instituto de assistência, reparando eu, contudo, que não saíam utilizando a volitação, mas caminhando como simples mortais.

TREINO PARA A MORTE

Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte.

A indagação é curiosa e realmente dá que pensar.

Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.

Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis.

A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundidade da alma.

Importa considerar também que a sua conduta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiário sem méritos para tratar de semelhante inquirição.

Pode acreditar quer não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.

Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização.

Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caipós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, agüente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de "amor".

Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consangüíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. É horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibra-ser dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço. Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas.

Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.

REFLEXÃO

A morte da forma não santifica o ser que a habitou! Se o raio de sol não se contamina ao contacto do pântano, também o doente rebelde é o mesmo enfermo se apenas troca de residência. O corpo físico representa apenas o vaso em uso, durante algum tempo, e o vaso quebrado não significa redenção ou elevação do seu temporário possuidor.

Os Missionários da Luz – André Luiz